

MIGRANTES CEARENSES NAS DÉCADAS DE 1980 – 1990 NO COMÉRCIO DE PARINTINS-AM

Autor: Sávio Lucas da Silva Souza
UEA-CESP

Orientador: Arcângelo da Silva Ferreira
UEA-CESP

Resumo:

Os cearenses em Parintins/Am são uns dos principais atuantes no comércio local, advindos de migrações devido às situações econômicas e em busca de desenvolvimento na região. O setor do comércio é a principal fonte de renda de muitos deles que até hoje atuam, se estabeleceram e buscaram esse sonho. Diante deste fato, o presente trabalho tem por objetivo analisar os diferentes fatores que levaram ao processo de migração do povo nordestino para região norte, especificamente para a cidade de Parintins-AM, apresentar o contexto histórico dos migrantes cearenses, averiguar o histórico dos migrantes desde sua vinda até a cidade de Parintins e como ele se encontram atualmente, descrevendo os fatores que despertaram o interesse dos migrantes cearenses para o município de Parintins e sua atuação e relevância no comércio. Esta pesquisa é feita “in loco” diretamente no local onde está ocorrendo a investigação dos fatores, com o apoio de cidadãos oriundos do Ceará que entre 1980 a 1990 migraram para a cidade de Parintins/Amazonas. Foram feitas pesquisas bibliográficas e um levantamento de pessoas que se encaixavam nesse perfil, posteriormente, entrevistas que buscaram os relatos desse processo migratório e a sua atuação no comércio local, cada entrevista foi analisada sistematicamente pelo autor. Conclui-se que apesar das grandes dificuldades, até hoje com a situação atual do mundo, desde a crise econômica e a pandemia, estes migrantes ainda prosperam no município.

Palavras-chave: Cearenses, migração nordestina, comércio local, Parintins/Am

Introdução

O mundo está sempre em constantes mudanças, como o aumento populacional, as migrações, os sistemas de informações, circulação de capitais e mercadorias, e outros. Alterações como estas, são bem evidentes em cidades onde há o desenvolvimento e mudança na organização espacial e em sua estrutura social e econômica.

Desde 1879 a Amazônia se tornou um lugar atrativo para migrantes de outras regiões em busca da economia da borracha que crescia na época, os migrantes cearenses eram os mais presentes nesse deslocamento, movidos pelos problemas econômicos e climáticos de sua região. Desta forma eles foram em busca de um estilo de vida melhor e favorável, principalmente no Amazonas, vivenciando várias experiências sociais, desde seu processo de migração até o momento de adaptação à região.

O tema da migração de nordestinos para a Amazônia é bastante amplo, uma vez que, em muitos momentos diversos e igualmente variados, sobretudo a partir das décadas do século XIX e ao longo de todo século XX, ainda visto atualmente a vinda de migrantes de diversas áreas da região Nordeste com intuito de trabalhar no Pará, Amazonas, Acre e Rondônia, (LACERDA, 2006).

As migrações do Ceará continuaram de forma “espontânea” com o fim da seca de 1877/1880. Na cidade de Parintins/AM, muitos nordestinos vieram de Manaus ou outras cidades e após o fim do ciclo da borracha se reestabeleceram, visto que muitos já tinham parentes na região foram trazendo outros nordestinos com base em suas experiências. Estes que vieram após os relatos de parentes, buscavam se estabelecer e crescer economicamente em uma região que estava em desenvolvimento.

A cidade de Parintins, localizada no baixo Rio Amazonas, que em 1880 se encontrava em processo de urbanização, estava com um crescimento demográfico acelerado, desencadeado não apenas pelo êxodo rural, mas pela migração de nordestinos e outras pessoas de municípios e estados diferentes. (SOUZA, 2013).

A referida pesquisa surge a partir de uma inquietação pessoal acerca dos movimentos históricos de migração inter-regionais entre Nordeste para Região Norte, visando narrar o histórico da memória do nordestino, onde meus familiares fizeram o percurso do êxodo nordestino para a Região Amazônica, mais precisamente para Parintins, entre 1980 e 1990. Desde criança tenho observado meus familiares na atuação do comércio e o que mais me chamava atenção era essa rede de solidariedade que eles tinham uns com os outros, oportunizando empregos e incentivando-os ao início de seu empreendimento.

Nossa intenção é analisar os diferentes fatores que levaram ao processo de migração do nordestino para região Norte, especificamente para a cidade de Parintins-AM, apresentar o contexto histórico dos migrantes cearenses, averiguar o histórico dos migrantes desde sua vinda do Nordeste até a cidade de Parintins e como ele se encontram atualmente, descrevendo os fatores que despertaram o interesse dos migrantes cearenses para o município de Parintins e também sua atuação e relevância no comércio local.

A partir do pressuposto da História Oral, que devolve a história às pessoas em suas próprias palavras, ao lhes dar um passado, ajuda-as também caminhar para um futuro construído por elas mesmas (THOMPSON, 1998).

A História Oral busca ouvir e registrar as vozes dos sujeitos excluídos da história oficial e inseri-los nela, não é dá a voz e sim transcrever essas narrativas. Desta forma a utilidade específica das fontes orais para os historiadores repousa não tanto em suas habilidades de preservar o passado quanto nas muitas mudanças forjadas pela memória (PORTELLI, 1997).

Neste panorama de fazer uma história com diversas abordagens, não centralizada apenas em assuntos como economia e política, permite que novos atores sociais sejam vistos como sujeitos que agem e interferem nas estruturas da sociedade. Ela possibilita que sujeitos comuns expressem suas experiências através de suas vivências, proporcionando ao historiador uma maneira de relatar suas histórias aos grupos sociais que durante muito tempo ficara de fora, dessa vez não mais narrada pelos grandes feitos ou pelos grandes homens, como a historiografia tradicional pregara, mas pelas pessoas ditas comuns através de suas narrativas. (SILVA, pág. 14 e 15, 2017)

1. Migração nordestina na Amazônia

Em virtude da grande oferta de empregos em outras Regiões do Brasil, principalmente nas décadas de 60, 70 e 80, do século XX, a migração nordestina tem sido destaque na dinâmica populacional brasileira, e grande dispersão de nordestinos migraram para região Norte (BRAGA, 2008).

Nesse contexto, observa-se que a procura de trabalho foi uma das motivações para a migração ao Norte, principalmente a Amazônia. Os autores Santos e Araújo (1980) elucidam que muitos nordestinos vieram para a Amazônia em busca de melhores perspectivas, sonhavam em até conquistar riquezas e outras tentavam apenas fugir da seca e viver de modo mais digno com sua família.

Getúlio Vargas tinha um plano que consistia em fazer com que os habitantes do campo permanecessem lá, para isso, colocou em prática um plano que ficou conhecido como “marcha para o oeste”, primeiramente, a ideia de ir para o interior acabou tendo outro destino que foi a Região Amazônica, por conta da eclosão da Segunda Guerra Mundial, (SECRETO, 2007).

Para Secreto (2007), durante o ano de 1942, o Nordeste foi marcado pela seca, colaborando para o recrutamento de nordestinos para os seringais da Amazônia. Nesse ano, foram selados os “Acordos de Washington”, quando o governo Getúlio Vargas firmava o compromisso para a produção da borracha para os aliados, com um pequeno detalhe: eles queriam uma grande produção em um reduzido intervalo de tempo. Com isso, havia a necessidade de recrutamento de trabalhadores de imediato.

Foram realizadas campanhas e até mesmo um grande investimento para que os nordestinos se deslocassem de sua região até a Amazônia, uma verdadeira utopia apresentada para que conseguissem a mão de obra e pudessem atender as necessidades.

A historiografia brasileira aponta dois grandes momentos de migrações nordestinas para Amazônia, no final do século XIX e início do século XX, que se referem às muitas políticas governamentais de incentivo à migração para esta região. O primeiro momento como exemplo pode se citar:

A partir da segunda metade do século XIX no contexto da extração da borracha, quando a mão-de-obra estava quase que totalmente envolvida na sua vazão. Tal política repetiu-se ao longo do século XX no esforço de guerra conhecido como batalha da borracha (1942-1945) quando o governo brasileiro em parceria com os Estados Unidos induz com suas políticas a vinda de inúmeros nordestinos para a região amazônica. Essa política, caracterizada como projeto de modernidade para Amazônia elaborada no governo de Getúlio Vargas (Estado Novo) tem como meta, também fazer com que a região “pertença” ao restante do país. (SILVA, 2014, pág. 3)

Segundo Benchimol (1982), muitos nordestinos vieram para a Amazônia para simplesmente saborear uma aventura; um número considerável, também, veio estimulado pela passagem gratuita ofertada nos navios da Companhia de Navegação Lloyd Brasileiro, assim como pelas promessas do governo. Através de cartazes o governo fazia uma propaganda muito forte de convencimento, dos boatos, dos anúncios dos centros de migração e recrutamento.

O que todos costumam afirmar até mesmo atualmente, que os migrantes do Nordeste apenas fugiam da seca, o que era uma de suas problemáticas, porém, o estorvo estava ligado a outros fatores, como muitas pessoas que estavam numa situação social ruim, com a estrutura fundiária desfavorável à pequena agricultura, e o desemprego estrutural, tudo isso contribuía para a migração.

Observamos que a política de migração é conduzida pelo poder do Estado de maneira arbitrária, prevalecendo a vontade do governante que foi captado pela conjuntura internacional do momento, no caso, a conjuntura da guerra, para levar estes cearenses para um local desconhecido e estranho para sua cultura. Percebemos a dificuldade de adaptação desses migrantes quando da sua chegada à Amazônia, pois se depararam com um clima, uma geografia, uma hidrografia, enfim, uma natureza totalmente diferente, trazendo consigo também uma diferente cultura. Não podemos, contudo, negar que, neste primeiro contato houve um choque cultural muito grande. Daí esse sentimento de “estrangeiro” dentro de seu próprio país. (SILVA, 2015, p. 43).

Eles não se encontravam no local apenas pela busca de melhorias, mas porque essa busca era obrigatória devido as circunstâncias dos conflitos mundiais e locais. Adaptar-se em um local leva tempo e dificultoso, devido não apenas obter o sentimento de ser estrangeiro, mas também conquistar espaços e valores.

Segundo Secreto (2007), o recrutamento destas famílias nordestinas que, posteriormente, seriam usadas como mão de obra nos seringais era realizada por órgãos criados para esta finalidade. Como o Serviço de Encaminhamento de Trabalhadores (SEMTA) para a Amazônia, posteriormente a Comissão Administrativa de Encaminhamento (CAETA) de Trabalhadores para a Amazônia, todos os órgãos ligados ao Departamento Nacional de Imigração (D. N. I.). Eles tinham um controle logístico sobre eles, na vinda de suas cidades e na alocação.

Benchimol (1977) aponta dois casos importantes sobre a fixação nordestina na Amazônia, sobre as condições sociais de recepção social do “Soldado da Borracha”, e por outro nos desponta uma pergunta: por que voltar à terra de origem? Para o autor, há duas identidades pertinentes na migração nordestina para a Amazônia, o aventureiro e o sozinho, mas, por força do pertencimento familiar com sua terra de origem, logo essas duas identidades retornariam para o Ceará, despontando, assim, um risco iminente para a mão de obra necessária na exploração da borracha na Amazônia.

Visto que haveria essa perda de mão de obra, logo o governo preferiu levar aqueles que já tinham família, assim não haveria a necessidade de retornar.

O processo de des(re)territorialização pelos quais passaram os nordestinos, tanto na primeira, quanto na segunda fase da borracha, absorvendo os horrores da seca e a opulência do sistema capitalista, através da exploração desumana e sobretudo da ambição desenfreada dos seringalistas, adaptaram o seu viver no interior de uma terra desconhecida, e nem esse sofrimento desencorajou esses migrantes a esquecerem o espaço antigo de suas raízes, pelo contrário, acrescentaram seus costumes, seus jeitos de viver que se juntaram com a cultura local, revigorando essa nova territorialização (SILVA et al., pág. 64, 2010).

Nosso foco sobre os migrantes nordestinos que atuam no comércio de Parintins/AM (1980-1990) se dá, a partir das análises das narrativas orais de quatro comerciantes cearenses, José Valdecir (58 anos) natural de Massapê/Ceará, Expedito Alves (60 anos) natural do distrito de Tuína/Ceará, Sabino Alves (50 anos) natural de Massapê/Ceará e Francisco Nunes (63 anos) natural de Sobral/Ceará.

Essas análises apresentam pressupostos sobre seus processos de vinda para região em momentos, condições e motivos distintos entre elas. Também evidenciam as múltiplas vivências, tanto nos percursos para Parintins (SILVA, 2017 p.145).

2. Desenvolvimento da cidade de Parintins

O povoamento de Parintins foi ainda mais tardio que o de Manaus. A Ilha Tupinambarana, como muitos municípios brasileiros, teve seu início com os indígenas que habitavam a localidade.

O autor Bittencourt (2001) afirma que esses indígenas fugiram do Peru por conta de perseguições, eles eram denominados de Tupinambás, assim se denominou o nome a ilha em homenagem a estes primeiros habitantes. A palavra Tupinambarana significa “tupi não verdadeiro”, ou seja, os índios derivados de mestiçagem. E foi um dos grupos entre os Tupis, chamado Parintintin, que deu origem ao nome da Serra de Parintins e a partir desta, à cidade.

A cidade de Parintins configura-se como uma cidade de porte médio, localizada à margem direita do Rio Amazonas e distante 368,80 km, em linha reta, e 420 km por via fluvial, da capital do Estado – Manaus, sua área territorial corresponde a 5.956,047km², a População estimada é de 116.439 pessoas (IBGE, 2020).

Parintins é construída sobre uma ilha, denominada de Ilha Tupinambarana. É formada por sedimentos do quaternário e alguns afloramentos do terciário, tornando-se uma planície, constituindo-se numa das maiores faixas de várzea do Estado do Amazonas (SOUZA, 2013).

A altitude é de 52 m acima do nível do mar e o clima característico é tropical chuvoso e úmido, com temperatura média de 35° C e umidade relativa do ar chegando a 85%. A estação chuvosa, chamada de “inverno”, ocorre de dezembro a maio.

Parintins tinha em 1980 em sua economia o extrativismo vegetal, a pecuária e a agricultura.

Desta forma a cidade inicia o seu desenvolvimento, com os migrantes nordestinos, principalmente cearenses que encontraram a oportunidade de se desenvolver no campo.

A várzea e a Juta foram outros processos que renderam economia da região. Souza (2013), corrobora com a seguinte questão, Parintins exportava juta prensada, cacau, guaraná, essência de pau-rosa, borracha, cumaru, óleo da copaíba, batata e gado para os Estados de São Paulo, Rio Grande do Sul, Pernambuco, Pará e outras localidades. Devido a uma crise em todo o Brasil que afetou diretamente a indústria da Juta foi decaindo, abrindo portas para o investimento na Várzea, na criação de gado.

Em 1980 o país vivia em grandes contrastes, a grande procura de empregos e de uma vida apropriada foi designada a muitos migrantes cearenses, mas ao mesmo tempo que de sua chegada, tinha também aqueles que viviam em áreas rurais e começaram a vir para cidade.

O processo de urbanização ocorrido em Parintins na década de 1980 redefiniu as relações ocorridas entre a cidade e o campo. O campo passou por um processo de esvaziamento populacional, principalmente devido à chegada da prática da pecuária extensiva para a região (iniciada na década anterior), ao mesmo tempo em que a cidade passou por outro processo, o de inchaço populacional, que acarretou inúmeros problemas, tanto sociais como ambientais aos moradores. (SOUZA, 2013, pág. 76)

Apesar da queda da juta e Parintins passar por momentos críticos, a cidade se desenvolveu aos poucos principalmente com o turismo, ela conseguiu aliar-se a outros tipos de economias para que o desenvolvimento da cidade se tornasse constante, como mostra Souza (2013, pág. 64):

Nesse sentido, a agricultura, pecuária, pesca, avicultura e extrativismo vegetal formam, a base do setor primário do município(...) O setor secundário é composto basicamente por micro e pequenas empresas, geralmente voltadas para o aproveitamento de produtos (...) No setor terciário, Parintins contou com mais de 1.500 estabelecimentos comerciais, varejistas e atacadistas dos mais diversificados produtos. A mão-de-obra formal é constituída praticamente pelos funcionários públicos (Federal, Estadual e Municipal) e empregados no comércio local.

A falta de emprego na cidade era nítida, em contrapartida por estar em desenvolvimento, o investimento no campo e em comércios locais era viável, como muitos nordestinos tiveram a oportunidade de fazer, visto que empregos formais ainda eram escassos. Podemos citar um exemplo da antiga avenida João Melo, um centro comercial conhecido como rua dos cearenses, pois, a maioria dos donos dos estabelecimentos eram nordestinos. Muitos deles trouxeram na década de 1980 a 1990 parentes que puderam iniciar seus comércios em pontos diferentes do centro comercial.

Esses primeiros migrantes chegaram em Parintins e localizaram-se na João Melo. Nas décadas posteriores 70 e 80, do século XX, começaram a trazer e estabilizar seus amigos e parentes (BRAGA, 2008).

As memórias destes migrantes apontam para três aspectos relevantes na compreensão de suas vindas e permanências para/em Parintins. O primeiro reflete sobre as motivações para se deslocarem de sua cidade até Parintins. O segundo busca apresentar como ocorreu esse processo migratório, as dificuldades e adaptações que encontram ao decorrer desse percurso. E o terceiro como cada um atuou no comércio da região e se estabeleceu para ter o próprio empreendimento.

Outros trabalhos de conclusão de curso nesse âmbito da pesquisa, relatam essa migração nordestina com outros fatores interligados e perspectivas diferentes da análise realizada, foram também utilizados como referências alguns desses autores na pesquisa, a tabela a seguir apresenta eles, ela foi realizada a partir do mapeamento de Cunha (2016):

1	João Marinho da Rocha Prof. ^a Carla Oliveira de Lima	<i>Do Ceará a Amazônia. De Soldado da Borracha e Mestre de Obras: História Oral de Vida de Luiz Anselmo Maciel</i>	2005	Monografia 55 páginas
2	Liliane dos Santos Braga Prof. Valdson de Souza Soares	<i>A Trajetória de Migrantes Nordestinos que Adquiriram Estabilidade Social no Município de Parintins</i>	2008	Monografia 54 páginas
3	Deyner Andrade de Souza Prof. Rooney Augusto Vasconcelos Barros	<i>História Oral Temática: A chegada Nordestina à Parintins-AM e seu Relacionamento com o Desenvolvimento Comercial da Cidade a Partir de Década de 60 a 70 na voz dos Migrantes Nordestinos.</i>	2008	Monografia 54 páginas
4	Eulina de Souza Glória Prof. Rooney Augusto Vasconcelos Barros	<i>História Econômica de Micro Comerciantes Nordestinos em Parintins da década de 1970 até a atualidade.</i>	2010	Monografia 63 páginas
5	Henrique Gomes Lopes	<i>Experiências dos Migrantes Cearenses no Comércio em Parintins.</i>	2012	Artigo 18 páginas

	Prof. João Marinho da Rocha			
6	Darci de Oliveira Rosa Prof. João Marinho da Rocha	<i>Nos rastros da História. Do Crato ao São João: Um olhar sobre a vida de um Seringueiro no Alto Solimões.</i>	2012	Artigo 19 páginas
7	Patrícia Regina de Lima Silva Prof. João Marinho da Rocha	<i>Vivências de mulheres nordestinas na Parintins-AM das décadas de 1950-1970</i>	2014	Artigo 31 páginas

Fonte: Cunha (2016). Adaptado a partir dos catálogos da Biblioteca do CESP/UEA.

3. Motivações para migrar a Parintins

Martins e Vanalli (2014) expressam a ideia de falar que diversos aspectos que obrigaram os nordestinos a deixar suas origens e migrarem para outras regiões, sendo que a principal causa foram as questões econômicas.

É visível que nas entrevistas alguns deles vieram por conta de problemas financeiros que na época no qual conseguiram a oportunidade de tentar uma vida melhor. Tal fato é revelado na entrevista de Expedito Alves¹.

Meu tio me trouxe do Nordeste, me via trabalhando na fazenda (...), antes morei em Sobral por um ano para ele me testar vê se eu era bom trabalhador mesmo (...) foi bom que eu tive a oportunidade de procurar uma melhoria de vida.

Expedito Alves, se deslocou do distrito de Tuína para Sobral, primeiramente, para poder ter a oportunidade de vir à Parintins em 1981. O entrevistado mostra que a situação foi favorável para ele que se deslocou de um distrito para a cidade de Sobral e posteriormente a oportunidade vir ao Amazonas e a melhoria de vida, após anos se estabilizando na cidade ele trouxe seu irmão, o comerciante Sabino² que relata o seguinte:

Um dos motivos foi porque eu já tinha tios aqui, irmãos, e já tinham muito tempo aqui, quando eles iam pra lá já chegavam com condições melhores ‘né’(...) Meu irmão que ainda mora aqui hoje em Parintins, ele me fez um convite de ir pra cá, já que no Nordeste a situação não era muito boa e eu fiquei feliz, lá era muito dificultoso as condições de trabalho [...] mesmo jovem já pensava nessas situações e ‘tô’ aqui até hoje.

¹ Expedito Alves, entrevista realizada em sua loja Artesanato Yara, em 05 de abril de 2022.

² Sabino Alves, entrevista realizada em seu comércio Casa Sávio, em 07 de abril de 2022.

Nesta narrativa pode-se estabelecer a questão também de familiares que outrora já migraram para Parintins e conseguiram se estabelecer na região, desta forma, eles já possuíam moradias e até mesmo um emprego que pudesse mantê-lo na cidade, um fato não muito descrito é essa relação da migração não estar apenas atrelada a questões econômicas, mas também a laços familiares.

Como todo ser humano que se preze, a maioria dos migrantes tentavam se ajudar de várias formas, observando seu passado e luta e luta, observando no conterrâneo o espírito de amizade e de companheirismo, (SOUZA, 2008). Outra narrativa é do cidadão José Valdecir ³:

Eu vim para Parintins a férias para conhecer o local a convite de parentes, de que tanto falavam da cidade, eu gostei muito e acabei ficando (...). Arranjei emprego com uns parentes que já moravam no local e morei com familiares até conseguir juntar uma grana.

José veio por volta de 1985, apesar de ter vindo a férias, ele também veio por conta de sua namorada e atual esposa, aqui puderam se estabelecer, criar uma família e trabalhar no ramo de estivas, ele relata que na época também por conta do desenvolvimento da cidade ele pode investir suas economias.

Outro cidadão, o Francisco Nunes⁴ abordou pontos tanto como na chegada de seus parentes que estavam na região como apontou as influências de migrar para Parintins:

[...] houve um tempo na década de 60 que governadores trouxeram o pessoal do campo com promessas que haveria oportunidades na região e em pouco tempo esses cearenses foram abandonados, mas eles foram muito batalhadores viraram comerciantes, vendiam ‘coisinhas’ pequenas e foram crescendo. Em 1980 eles foram puxando outros cearenses, no meu caso eu vim passar uns meses aqui, mas já com o pensamento e entendimento das oportunidades que eu teria aqui. (Francisco)

Francisco Nunes veio nessa primeira “puxada” em 1980 a férias também, mas já consciente que ficaria na cidade e investiria no comércio, atualmente é um dos comerciantes mais conhecido na cidade, ele retrata a forma inicial dos nordestinos que vieram antes dele e valoriza muito esse marco histórico que estes migrantes conseguiram se adaptar a região e colaborar com o desenvolvimento da cidade.

³ José Valdecir, entrevista realizada em seu comércio Nazaré, em 05 de abril de 2022.

⁴ Francisco Nunes, entrevista realizada em sua papelaria Império das Miudezas em 07 de abril de 2022.

É importante destacar que o município de Parintins cresceu com a ajuda desses migrantes, não apenas as pessoas da zona rural que deram um avanço na cidade, mas também os migrantes que trouxeram seus familiares e assim eles ampliaram, especificamente na criação de comércios.

Souza (2008), aborda que o investimento foi uma arma importante para o crescimento da cidade, sem isso a possibilidade de a região estar no patamar de crescimento era mínima, visto que estes migrantes poderiam voltar para sua terra quando possuíssem condições financeira.

4. Processo de migração

Os dirigentes cearenses, utilizando como recurso para aliviar as tensões a concessão de passagens e o estímulo à migração para outras províncias, tentaram restabelecer a ordem. As províncias situadas a oeste do Ceará - Piauí, Maranhão, Pará e Amazonas - receberam a maior parte do fluxo migratório. (BARBOZA, 2015 pág. 2)

Há algum tempo esse processo migratório foi sendo visto na região do Amazonas, desde o século XIX, onde se intensificava a grande crise encontrada na região do Nordeste, como o povo começou a se concentrar a uma região, os governadores precisaram estimular eles a um processo de migração.

Nos anos de 1980, já era diferente, visto que nas falas dos entrevistados eles já tinham parentes na região, apenas precisaram se deslocar para chegar a Parintins, a maioria deles teve um percurso de pegar o avião até Manaus e vir de barco à Parintins. Um dos entrevistados relata esse processo:

Passei um ano e seis meses trabalhando em Sobral na mercearia, e meu tio viu que eu estava indo bem, decidiu me trazer a Parintins, ele me trouxe foi um pouco demorado a chegada, quando estava atravessando o Rio Amazonas, era meu aniversário esse dia. [...] tinha casa aqui do meu tio, fui me adaptando trabalhando em uns lugares até entrar no meu comércio. (Expedito)

Uma das vantagens do processo de migração entre 1980 e 1990 foi por conta de que outros cearenses já estavam estabelecidos na região, o Expedito com a experiência de mudar de seu distrito de Tuína/CE até Sobral/CE passa a convicção que não foi difícil esse processo, e sim demorado, pois era necessário que tivesse essa mudança em sua vida, visto que desde criança ele trabalhava.

Com Francisco esse processo foi um tanto difícil, não pelo percurso até chegar à cidade e sim pelo o que ele deixou para trás basicamente tudo para iniciar seu comércio aqui:

A minha vinda em particular foi boa, diferente de outros eu tinha uma família aqui que estava financeiramente bem, tranquei a faculdade, vim passar umas férias, gostei daqui, da hospitalidade do povo, abandonei meus pais, amigos e a faculdade, já tinha experiência no comércio e estou aqui há 43 anos.

Os relatos, no geral, tinham como base essa vinda já com algum parente no local o que facilitou não apenas o processo de deslocamento, também sua adaptação no local e a busca de emprego na região, em razão que estes indivíduos estarem na cidade há um tempo e puderam se desenvolver na região.

5. Atuação nos comércios de Parintins

Uma das principais economias da região de Parintins é o comércio, Marcelo e Barbosa (2014) delimitaram apenas no centro os seguintes comércios:

(...) as atividades econômicas voltadas para: Agência de turismo, aparelhos digitais/eletrônico, artigos esportivos, artigos religiosos, assistência para motos, assistência técnica de celulares/telefones, aviamentos, autopeças, concessionaria (moto), banca de jornal/revista, bijuterias, brinquedos, calçados, cartório, clínica de estética, clínica médica, clínica odontológica, concertos de joias, correios, cosméticos, eletrônicos e eletrodomésticos, escritórios (advogado e contabilidade), farmácias especializadas, festas e eventos, financeira, hotel, loja de celulares, loja de móveis, órgãos públicos, perfumaria, pet shop, posto de gasolina, sapateiro, relojoaria, restaurantes, serviços administrativos e supermercados; em relação ao comércio de alimentação sobressai-se as padarias e açougues; já os comércio de rua, foram encontrados principalmente próximo ao mercado central, praça Eduardo Ribeiro e ao arredores do porto da cidade. (MARCELO E BARBOSA, pág. 13, 2014)

Com o avanço da urbanização da cidade muitos comércios surgiram, estes relatados no trecho apesar de ser apontado com apenas a região central em outras há muitos destes estabelecimentos, sendo alguns deles dirigidos por empreendedores cearenses.

Os entrevistados que atuam nos comércios, discorreram sobre sua trajetória, as situações por quais passaram como: crise econômica, desenvolvimento do comércio, perdas ou danos e a pandemia. E como agora se encontram em seus comércios. José Valdecir descreve:

Quando cheguei aqui, meu irmão já tinha loja e eu fui trabalhar com eles. Quando comecei a trabalhar com eles gostei do ramo e segui nessa área, dei início ao meu mercadinho com a minha esposa, as vendas foram boas, depois foram caindo devido à grande vinda de comércios maiores, mas a gente mantém aqui, a pandemia afetou bastante, mas conseguimos superar esse obstáculo. Nos anos de 2000 a 2005 foi uma boa época pra crescer aqui, depois grandes comércios apareceram.

Não foi um processo simples e fácil para o José, apesar de conseguir um trabalho ele precisou aprender como investir o dinheiro e dar início ao comércio, superar obstáculos e continuar se desenvolvendo de acordo com a cidade, ele como outros cearenses iniciou seu trabalho na Avenida João Melo como vendedor na loja de seu tio, o dinheiro que ele recebia uma parte ele guardava para no futuro iniciar o seu comércio. Juntamente com a esposa Francisca Souza eles puderam concretizar esse sonho, atualmente eles têm uma mercearia com o nome de Mercearia Nazaré, localizada no bairro de Nazaré. Atendendo as pessoas aos redores do comércio.

Diversas crises os afetaram, a principal foi a vinda de grandes comércios a Parintins, em seu desenvolvimento por volta de 2000 a 2005 eles prosperaram bastante visto que muitas pessoas não se deslocam aos centros comerciais, essa é a sua principal funcionalidade, quem não tem como ir aos grandes comércios dá a oportunidade de comprar em mercearias como a dele, mais próxima

Ele afirma também que o festival de Parintins impulsiona bastante a movimentação de dinheiro na cidade, principalmente em estivas, as pessoas costumam a comprar mais coisas vistos que alguns tem visitantes na cidade e precisam suprir ainda mais as necessidades básicas.

Outro comerciante que atua com estivas em gerais, é o Sabino Alves, ele tem um comércio no bairro do Palmares, está há um bom tempo e conta todo esse processo até chegar a criação do seu comércio:

Quando cheguei aqui não tive dificuldade com emprego, ainda não trabalhava apenas estudei, fui acolhido pelo meu tio que morava aqui, meus familiares me acolheram, daí um primo me ajudou a conquistar com o meu primeiro emprego, o Nunes proprietário do Império das Miudezas. De lá pra cá, ai depois de muitos anos fui juntando dinheiro para começar meu próprio negócio, comecei comprando o ponto comercial onde ainda estou e continuava trabalhando com meu primo e investindo aqui. Tive muita dificuldade na pandemia, todo comerciante sofreu 'né', não ganhávamos nada, só sobrevivendo, o festival ele ajuda muito também então ficamos sem ele e afetou um pouco.

Aqui duas histórias se entrelaçam a de Francisco Nunes que chegou em 1980 e mais tarde deu a oportunidade a Sabino que chegou em 1986, na loja dele que ele pode iniciar o seu desenvolvimento na área do comércio, Sabino teve a oportunidade também de estudar e adquirir mais conhecimento no ramo que ele atua, ele cita que houve momentos de crises mas que todos foram superados principalmente a pandemia, assim como o José Valdecir, ele tem um grupo específico que atende, os moradores das proximidades do seu comércio no bairro de Palmares. Até hoje ele ainda possui o comércio e atende a população.

O festival de Parintins é uma das economias que mais movimenta a cidade, apesar de muitos sujeitos acreditarem que não, o festival interliga direta ou indiretamente toda Parintins. Destes o nordestino que mais prospera não apenas com o festival, mas também o turismo é o Expedito Alves que narra sua trajetória da seguinte forma:

Comecei a trabalhar na farmácia do meu tio, de lá trabalhamos em um barco de recreio, trabalhei por vários tempos, trabalho para o Município (...). Ele achou que eu estava preparado pra trabalhar no comércio, em uma mercearia, chegou um ponto que me destaquei. Depois que ele faleceu eu mudei, comecei a me interessar no artesanato, me envolvi com os artesões e já tinha outra visão (...). Passei a ganhar melhor no artesanato, comecei com 'boizinho', conheci um tuxaua que me incentivou a fazer colares, trabalhávamos com penas, mas foi proibido, agora apenas artificial (..) Presenciei diversos momentos em Parintins, a construção da catedral o padre que andava em cima nela, a construção do bumbodromo e o turismo que vinha crescendo, principalmente pra mim foi uma grande vantagem, o festival também, o nosso comércio se destacou bastante e fizemos sucesso com um sutiã de cuia e outros acessórios.

Uma das narrativas orais que merece destaque é a de Expedito, ele narrou todo seu processo migratório, as experiências vividas na região, suas viagens pelas proximidades, apesar de não ter estudado, ele adquiriu muitas experiências e as viveu. Ele afirma a história que muitas pessoas contam sobre o padre Augusto, italiano⁵, que andava de moto em cima da Catedral, nessa época a Catedral ainda estava em construção, ele viu de perto várias vezes a construção deste ponto histórico da cidade, viu o início do festival e colaborou na criação de artesanatos utilizados nesta época, adereços eram os principais, ele deu ênfase ao sutiã de cuia que foi um fenômeno na época, e as entrevistas que fizera na época.

Expedito Alves atua na área de artesanatos, vendas de boizinhos, barcos, colares e afins, feitos a mão mesmo, ao lado de sua esposa Inês de Azevedo que sempre se dispôs a ajudá-lo. O comércio deles fica no centro e tem o nome de Artesanato Yara, ele aprendeu com os indígenas o artesanato, apesar de terem um comércio de estivas, Inês o incentivou também a investir nestes adereços, ele conta que na época que morava no distrito de Tuína/CE já fazia boizinhos e quando viu as pessoas fazendo aqui na cidade logo se interessou, chegou a morar com indígenas e o tuxaua também o influenciou a investir no negócio para o turismo.

Devido a pandemia da Covid-19 muitos comércios fecharam por conta do distanciamento social um deles foi a loja do Expedito que dependia não apenas do festival, mas também do turismo que ficaram cessados por dois anos, ele aponta que foi uma das maiores crises que sua família passou aqui, mas que a esperança sempre prevaleceu.

⁵O referido padre, por muitos era considerado louco. O fato de muitas vezes ter conduzido sua motocicleta sobre o edifício da Catedral, ainda em obras, é um evento que acabou se inserindo na memória coletiva de uma determinada geração da cidade de Parintins, ao ponto do escritor parintinense Wilson Nogueira se reportar ao padre e a sua "atitude insana" no romance *O Andaluz*.

Senti um grande impacto na economia no decorrer dos anos, as vezes apertava, o impacto maior foi mais na pandemia, pois precisávamos do turismo e do festival de Parintins, quase que nem abríamos por conta de tudo que estava acontecendo não tinha movimento e ficamos quase dois anos nessa crise, ainda estamos nessa luta se reerguendo” (Expedido)

O estabelecimento sofreu um grande desfalque nos fechamentos dos comércios, mesmo voltando aos poucos as aberturas, ele não tinha mais o público alvo para as vendas, visto que o turismo havia sido restrito por conta da pandemia e o festival de Parintins continuava sendo cancelado pelos anos de 2020 a 2021. Atualmente o Artesanato Yara, localizado no Centro de Parintins, encontra-se reerguendo com eventos na cidade voltado aos bois e o turismo, agora apenas esperando o festival iniciar.

Outro comerciante que atua no Centro da cidade é o Francisco Nunes, já citado por outro cidadão (pág. 9) na entrevista sobre o seu comércio na área de papelaria que tem o nome de Império das miudezas. Ele descreve sua trajetória na seguinte forma:

Naquele tempo a cidade só tinha comércios pequenos, hoje a cidade ‘ta’ invadida por comércios grandes de fora, então naquele tempo a gente viajava e trazia produtos bons e quando a gente chegava aqui, conseguia vender, como eu não tinha capital para investir, eu fazia ‘praça’, eu mesma saía vendendo ia entregando tudo por aí e fazia cobranças, até ter mesmo condições de me manter e investir mais. O festival ele ajuda muito, direta o indiretamente dos comércios, mas o meu não depende muito dele. (...) quando chegou a pandemia eu agradeço a Deus por conseguir me manter com um capital que tinha, mas infelizmente outros comércios não tiveram e foram fechados ou mudaram de ramo. (...) apesar das crises que acontecem no mundo, principalmente essa guerra iniciando, vamos vencendo essas dificuldades.

Nunes como é conhecido na região, tem um dos comércios mais conhecidos na cidade, apesar de não estar localizado na rua João Melo, ele se encontra no que chamamos de frente da cidade, ele ao lado de sua esposa Ana Carmem atuam com uma papelaria eles se conheceram em Sobral e juntamente investiram nesse sonho, ele começou com venda de objetos na rua, ia pela antiga Avenida João Melo e pela praça anunciando seus produtos e aos poucos guardando seu dinheiro, deixou uma faculdade para trás em busca de seu Império, como é conhecido o estabelecimento, e como bons cearenses, lutaram bastante mostraram garra e até hoje estão em seu comércio. Ela sempre o apoiou e muitas vezes o acompanhou nas vendas de praça.

Ele discorre que muitas crises vieram e afetou seu comércio, porém, eles sempre estavam preparados para esses momentos, mesmo que não conseguisse tirar lucro, pensavam em formas de manter aquecido a movimentação. Assim como a pandemia que lhe trouxe muitos prejuízos, atualmente continuam superando esse obstáculo, Nunes chegou até citar a

guerra entre a Rússia e Ucrânia que mesmo distante de uma cidade no interior do Amazonas, afetou de certa forma seu comércio.

O comércio atual de cada um deles, apesar das dificuldades de todos os sacrifícios que tiveram para se desenvolver na cidade, geraram emprego, ajudaram na economia e continuam se mantendo na cidade de Parintins, principalmente na época do festival, eles têm um elo não apenas pela familiaridade, mas também por possuírem as mesmas raízes começaram suas experiências com parentes da região e buscaram formas de ter o seu próprio empreendimento, não apenas essa rede de solidariedade era presente na busca de incentivar o próximo, o apoio de suas mulheres a ajuda também para impulsionar o crescimento foi de grande relevância.

Considerações Finais

A presente pesquisa buscou narrar relatos de migrantes que vieram em busca de emprego ou melhoria na cidade Parintins/Amazonas, os selecionados para este trabalho atuam no comércio local, descreveram suas dificuldades suas lutas, apesar de terem familiares no processo de migração eles sempre foram em buscas de conquistas.

Alguns dos entrevistados chegaram à cidade apenas a passeio e logo se encantaram pela ilha e nela viram um futuro, se estabeleceram e se adaptaram ao clima, contribuíram para a cultura e principalmente para o desenvolvimento da cidade. Cada comércio citado é bem conhecido em seus respectivos bairros e todo parintinense conhece que o sujeito A é migrante nordestino, descrever cada história contada é satisfatória.

O festival contribuiu de certa forma em qualquer comércio e principalmente a visibilidade para a cidade, a Catedral também, um dos entrevistados relatou que viu a construção dela, fatos estes que ficam guardados em suas memórias.

Infelizmente a pandemia afetou a todos da região, principalmente ao comércio que aos poucos vêm se reconstruindo e mostrando novas faces e novas formas de inovar, a participação dos cearenses é notável na região.

Essas narrativas relataram a estabilidade socioeconômica que estes nordestinos adquiriram em Parintins, apresentando as histórias desse grupo social e suas lutas e processos até aqui e a grande contribuição para o comércio da Ilha Tupinambarana.

FONTES ORAIS:

Expedito Alves de Souza. Entrevista realizada em sua loja no dia 5 de abril de 2022.

Francisco Nunes de Sousa. Entrevista em seu estabelecimento no dia 7 de abril de 2022.

José Valdecir de Souza. Entrevista realizada em seu comércio no dia 5 de abril de 2022.

Sabino Alves de Souza Sobrinho. Entrevista realizada em seu comércio no dia 7 de abril de 2022.

Referências Bibliográficas

BARBOZA, Edson Holanda Lima Retirantes cearenses na província do Amazonas: colonização, trabalho e conflitos (1877-1879). Revista Brasileira de História [online]. 2015, v. 35, n. 70 [acessado 30 abril 2022], pp. 131-155. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1806-93472015v35n70016>>. Epub 22 Jan 2016. ISSN 1806-9347. <https://doi.org/10.1590/1806-93472015v35n70016>.

BENCHIMOL, S. **Amazônia: um pouco: antes e além depois**. Manaus: Ed. Umberto Calderaro, 1977.

BENCHIMOL, S. **Romanceiro da Batalha da Borracha**. Manaus: Imprensa Oficial, 1982.

BITTENCOURT, Antonio Clemente R. **Memória do município de Parintins**: estudos sobre sua origem e desenvolvimento moral e material. Manaus: Edições do Governo do Estado, 2001.

BRAGA, Liliane dos Santos. **A trajetória de migrantes nordestinos que adquiriram estabilidade social no Município de Parintins**. Monografia. Faculdade de História, Universidade do estado do Amazonas, Parintins – 2008.

BRASIL Decreto nº 16.763, de 31 de dezembro de 1924a. Disponível em: <<http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1920-1929/decreto-16763-31-dezembro-1924-514353-republicacao-89434-pe.html>>. Acesso em: 14 mar. 2022.

CUNHA, Hugo Montiel Martins. **Migração Nordestina para a Amazônia: Uma análise da produção científica do curso de História da UEA/CESP (2005-2015) e suas relações políticas do Estado Brasileiro (1960-1980)**. Artigo. Faculdade de História, Universidade do estado do Amazonas, Parintins – 2016.

LACERDA, Franciane Gama. **Migrantes cearenses no Pará**: faces da sobrevivência (1889-1916). 2006. Tese (Doutorado em História Social) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2006. doi:10.11606/T.8.2006.tde-16072007-105321. Acesso em: 2022-03-30.

MARCELO, Tarcísio Franco, BARBOSA, Tatiana da Rocha. **Área central de Parintins - Am: delimitação, classificação e caracterização**, Universidade do Estado do Amazonas. 2014, pg. 13.

MARTINS, D.; VANALLI, S. **Migrantes: Migração interna no Brasil “Baianos” e “Paraibas” a reforma agrária resolve?** 6. Ed. São Paulo: Contexto, 2014. 101p.

PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente**. IN: Projeto História. São Paulo, n. 14, p. 25-39, fev.1997

SECRETO, M. V. **Soldados da Borracha: trabalhadores entre o sertão e a Amazônia no governo Vargas.** São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.

SILVA, Francisco Eleud Gomes da. **“Batalha da Borracha”: O contexto da migração cearense para a Amazônia no período de 1939 a 1970.** Dissertação (Mestrado em Sociedade e Cultura na Amazônia) – Universidade Federal do Amazonas. 2015.

SILVA, Patrícia Regina de Lima. **Do espaço lembrado ao espaço vivido: narrativas orais de mulheres nordestinas em Parintins-AM, na segunda metade do século XX.** 2017. 154 f. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal do Amazonas, Manaus, 2017.

SILVA, Patrícia Regina de Lima. **Memórias de Mulheres Nordestinas na Parintins dos anos de 1950 – 1970.** Parintins, 2014.

SOUZA, Deyner Andrade de . **História Oral Temática: A chegada Nordestina à Parintins-AM e seu Relacionamento com o Desenvolvimento Comercial da Cidade a Partir de Década de 60 a 70 na voz dos Migrantes Nordestinos.** Monografia. Faculdade de História, Universidade do estado do Amazonas, Parintins – 2008.

SOUZA, Nilciana Dinely de O **processo de urbanização da cidade de Parintins (Am): evolução e transformação.** Dissertação. Universidade de São Paulo Faculdade De Filosofia, Letras E Ciências Humanas. 2013.

THOMPSON, Paul. **A voz do Passado.** Trad. Lólio Lorenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra, 1998.

VERGARA, Luisa. Metodologia da pesquisa em Ciências Sociais. 5º ed. São Paulo: Atlas, 2003.

ANEXOS

Realização das entrevistas



Entrevista com Francisco Nunes, em sua papelaria Império das Miudezas, realizada no dia 7 de abril de 2022



Entrevista com Sabino Alves, em seu comércio, realizada no dia 7 de abril de 2022



Entrevista com Expedito Alves em sua loja Artesanato Yara, realizada no dia 5 de abril de 2022

Estabelecimento dos comerciantes



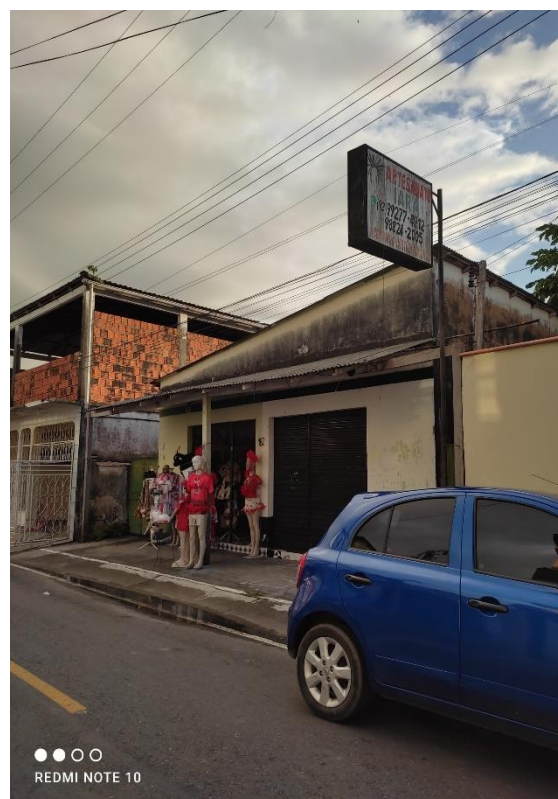
Casa Sávio, comércio de Sabino Alves, registro no dia 7 de abril de 2022.



Império das Miudezas, papelaria de Francisco Nunes, registro no dia 7 de abril de 2022.



Mercadinho Nazaré, comércio de José Valdecir, registro no dia 5 de abril de 2022.



Artesanato Yara, loja de Expedito Alves, registro no dia 5 de abril de 2022.